



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

DEUS AINDA TEM ESPERANÇA

“Agradecendo aos meninos da Fundação este momento de encontro com o menor assistido, que eu quisera tivesse a vocação da eternidade, e com o pensamento nos Negrinhos do Pastoreio de meu país, apelo a todos os homens maiores, para que façamos Dia da Criança o todo dia, pois sinto cada vez mais presente o pensamento, que também abraço, de que “enquanto houver uma criança, é sinal de que Deus ainda tem esperança”.

A INTIMIDADE desta Casa traz-me a memória de minha própria adolescência e, assim, quero ter olhos e palavras para os jovens que fazem as razões desta Fundação.

Dei-lhes a minha manhã e muito mais recebi, pois vi renovar-se minha esperança, no olhar alegre e confiante de cada um. Mais que no amor, — que aqui a alma de seus educadores lhes toca a alma de amor tão carente — sinto essa alegria no trabalho, na disciplina e no asseio que renovam estas velhas dependências e, afinal, no dever bem cumprido no jovem coração.

Com todos me congratulo, pelo muito que pude ver e pelos testemunhos do bom aproveitamento escolar e da harmonia da convivência extraclasse, sinais de que as lições desta Casa serão lembradas por toda a vida.

Volto-me, agora, muito mais para fora do que para dentro, volto-me mais para os grandes que para os pequenos, procurando, aqui também, falar à consciência nacional.

Ano após ano, tenho visto as imagens da Semana da Criança, nas imagens daquelas tantas abnegadas que, à porta de cinemas ou mercearias, ou, mesmo em plena rua, imploram, na moeda do povo, a assistência ao menor.

Ligado este ano mais intimamente ao destino de todas as criaturas de meu país, desejo que essa comemoração seja muito mais que isso, para nunca mais ser um momento só de caridade. Cuido dar-lhe outro sentido e dimensão, vindo ver a criança, no local mesmo em que a Nação inteira viveu o drama do SAM, e, fundamentalmente, para assinalar o compromisso da Revolução com uma política nacional do bem-estar do menor, sempre mais conseqüente.

Nesta manhã, vejo todo um milagre. Vejo o milagre da transmutação da "sucursal do inferno", da "escola do crime" e da "fábrica de monstros morais", em um centro educacional voltado para o desenvolvimento integral do menor.

Eminente Ministro do Supremo Tribunal Federal, julgando pedido de "habeas corpus" de um jovem que fugira do SAM, disse, em junho de 1961, que a sua finalidade prática era "instruir para o vício, para a reação pelo crime, para todas as infâmias e misérias" e que "deveria ser arrasado, desde o teto até aos alicerces, para que começasse tudo de novo e sob moldes inteiramente diversos".

Mas como não são o alicerce e o teto que fazem a casa, bastou, nesta hora de moralização de nossos costumes administrativos, que ela fosse habitada de uma nova alma, para que o milagre se fizesse. No lugar do SAM, a Fundação; o amor ao invés do crime.

Esse milagre que, hoje e aqui, proclamamos a toda a nação brasileira, nós o devemos por inteiro à Revolução de Março. E não tenho dúvida em afirmar que a contestação mais cega e mais surda, que tudo negasse à obra revolucionária, haveria, pelo menos, de bendizê-la por apagar o sangue, a corrup-

ção e a vergonha do malsinado SAM, para, neste mesmo lugar, erguer a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor.

Este milagre, nós o devemos a quantos denunciaram a criminosa irresponsabilidade daqueles tempos anteriores à Revolução. Nós o devemos à determinação dos Presidentes CASTELLO BRANCO e COSTA E SILVA; nós o devemos ao DR. MÁRIO ALTENFÉLDER e à equipe de educadores da Fundação, assim como aos representantes da Magistratura e do Ministério Público, juizes e curadores, que souberam dar ao problema a marca de sua sensibilidade humana.

Também no campo do bem-estar do menor, sobretudo do menor carente e marginalizado, a Revolução se fez renovadora, implantada e estruturada, esta Fundação Nacional tomou posição junto aos serviços assistenciais, trouxe a mensagem de uma nova política e passou a funcionar como um centro de preparação de pessoal especializado.

E é certo que, simultaneamente, inúmeras organizações, de natureza estatal ou privada, entre as quais fecundas instituições de caráter religioso desdobraram-se em esforços, nem sempre convergentes, mas de semelhantes propósitos.

Forçoso é dizer, no entanto, que o grande serviço prestado ao País com a eliminação da mentalidade presidiária do SAM e conseqüente adoção da filosofia educacional desta Fundação ainda é pouco, muito pouco, para o Brasil, consideradas a nossa geografia humana das faixas etárias mais baixas, nossas carências de toda ordem e a criminosa dimensão do tempo perdido.

Cumpre-nos, a todos, reaver esse tempo, pois é preciso entender que o grau de desenvolvimento econômico, de justiça social e de segurança pode ser

medido pela proteção e pelo respeito que as crianças merecem de seu país.

Meu governo tem a consciência de que o problema da criança, longe de ser tão apenas assistencial, entende todo um processo de transformação cultural, sedimentado nos valores maiores de civilização, e que o exercício de uma política de bem-estar do menor se desdobra nas áreas da saúde e da educação, da segurança social e da habitação, do trabalho, do amor, da compreensão. Só dessa forma abrangente e preventiva poderemos vencer o abandono, a crueldade e a corrupção de menores.

Pretendemos desenvolver ação intensa no campo da saúde, de tal forma que se ajudem igualmente a mãe e a criança. Usando os instrumentos mais válidos, a que pensamos juntar a ação de novos organismos, algo assim como clubes de mães, queremos amparar melhor a gestante e a nutriz. Simultaneamente, coordenaremos os esforços de entidades já existentes, evitando a pulverização de recursos, os desperdícios e os individualismos inoperantes, para dinamizar melhor a assistência a lactentes e a crianças em suas faixas pré-escolar e escolar.

No campo educacional, desenvolveremos a mentalidade que esta Casa planta, voltada para o objetivo de escolas formadoras e qualificadoras, que haverão de substituir, em definitivo, a deformadora experiência de reformatórios e internatos correcionais. Somente no aconchego de instituições que tenham características de vida familiar e de observância às peculiaridades regionais, é que se há de processar a integração do menor à comunidade, o encontro consigo mesmo, a consciência de suas potencialidades geradoras e a realização de tanta vocação que este país vem desperdiçando sem poder mais desperdiçar.

A esse propósito, creio oportuno dirigir uma palavra a todos os governadores estaduais que acabam de ser eleitos para investidura em 1971, a fim de que venham colher na experiência desta Fundação Nacional toda a inspiração indispensavelmente reitora para que, afinal, chegue a todo o Brasil o que, aqui e hoje, vi que já se faz.

Tenho consciência de que toda medida de justiça social tomada por meu governo reflete, primeiro na família, e, em consequência, na criança, essa preocupação que nos reúne e une.

Assim, quando pretendemos fixar imensas populações nordestinas; assim, quando nos damos ao plano de colonização das margens da Transamazônica e de outras estradas pioneiras; assim, é a criança a sua beneficiária maior, pois é a grande vítima silenciosa das migrações. E ainda sobreleva a criança, quando este governo cria o Fundo de Participação e vincula os sindicatos à Previdência Social.

No fortalecimento da família e no amparo ao menor, mobilizaremos e colocaremos a seu serviço, sobretudo da família necessitada, a maior soma de recursos orçamentários e compulsórios, existentes em diversos organismos públicos e privados, bem como fiscalizaremos a observância de dispositivos legais de proteção à família e ao menor.

As crianças que vejo assim assistidas por esta Fundação me fazem pensar nas legiões de outras crianças desassistidas pelo Brasil afora.

As crianças de olhar alegre e confiante, com quem reparti minha manhã, trazem a memória das histórias de crianças de minha terra, memória das histórias que não têm tempo.

Penso nas crianças de tudo precisadas; penso nos menores que, lá fora, sofrem, dos maiores, a cru-

eldade, a exploração e a corrupção; e me revolto ante as imagens da criança mendiga, da inocência feita cúmplice e da pureza manchada no vício.

E a saga de minha terra me vem como o símbolo mesmo de todos os menores desamparados, que, em cada qual, vejo um outro Negrinho do Pastoreio.

Quisera vê-los, a todos, esses desamparados, não somente como aquele atirado sangrando num formigueiro, afilhado de Nossa Senhora, e que, surgindo à frente de fantástica tropilha, diz-se fazer o milagre de aparecerem as coisas perdidas. Antes, quisera vê-los, como filhos da afeição de todos nós, de braços dados aos companheiros felizes de sua geração, e fazendo o milagre de aparecerem, afinal, os valores, ainda não de todo encontrados, de amor e compreensão pela criança.

Agradecendo aos meninos da Fundação este momento de encontro com o menor assistido, que eu quisera tivesse a vocação da eternidade, e com o pensamento nos Negrinhos do Pastoreio de meu país, apelo a todos os homens maiores, para que façamos Dia da Criança o todo dia, pois sinto cada vez mais presente o pensamento, que também abraço, de que "enquanto houver uma criança, é sinal de que Deus ainda tem esperança".

(Discurso lido na Fundação do Bem-Estar do Menor, na Guanabara a 5-10-1970.)